

Ano 10, Vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 6-8.

Apresentação: Amazônia: biodiversidade, saúde e desafios da contemporaneidade

César Martins de Souza¹

Luis Junior Costa Saraiva²

A região amazônica, ao longo dos séculos, desafiou a imaginação de cronistas, romancistas, viajantes e pesquisadores, assustando e encantando, mas também alimentando desejos de exploração de suas riquezas. Nesse sentido, por muito tempo foi considerada uma região que apequena os humanos, o que fez, como afirma Motta-Maués (1989), com que ensaístas e escritores defendessem a necessidade de ocupar a região por estrangeiros para que ela pudesse se “desenvolver”.

Desenvolver é um verbo conjugado com muita frequência por tecnocratas e “empreendedores” quando buscam defender a “necessidade” de explorar a biodiversidade da região. Essa busca por “desenvolver” as potencialidades econômicas da Amazônia, ignora suas populações locais e a importância da biodiversidade da região para o planeta. Em um momento em que se discute o problema do aquecimento global e da melhoria da qualidade de vida no planeta e a preocupação com o meio ambiente, a Amazônia está no centro de debates tanto preservacionistas quanto daqueles que pretendem explorar a biodiversidade, com o objetivo de gerar lucros.

A região foi vista ao longo de diferentes momentos da História, como uma terra de incontáveis riquezas que aguardam por serem exploradas. Diversos aventureiros partiram para a Amazônia em busca das míticas riquezas que acreditavam se encontrar escondidas em meio às folhagens (Gondim, 2007). Além de aventureiros a região

¹ Professor do Campus de Altamira e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia da UFPA. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. cesar@ufpa.br.

² Doutor em Antropologia. Professor Adjunto FACED/UFPA, Campus de Bragança. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia/UFPA. Membro do grupo de Pesquisa Estudos Socioambientais Costeiros (ESAC). luisjsaraiva@gmail.com.

também atraiu investidores e grandes empresas capitalistas interessadas em implementar grandes projetos.

Sobretudo do final do século XIX até o presente momento, uma série de grandes projetos foram elaborados para integrar a região e explorar seus múltiplos minérios, bem como sua biodiversidade, para gerar lucros ao grande capital. Polanyi (2012) argumenta que o grande capital industrial, desde o fim do século XIX rompeu com a ideia de sacralização da natureza para transformá-la em um meio para obter riquezas.

Contudo, desde a descoberta do aumento no buraco da camada de ozônio na segunda metade da década de 1980, cresceu no mundo a preocupação com a exploração desmedida da natureza porque poderia colocar em risco a existência de vida na Terra, inclusive da vida humana (Latour, 1994). Mas, apesar dos problemas ambientais passarem a ser vistos como um risco iminente aos humanos, não impediu, como afirma Dean (1996), que a natureza fosse definida pela Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Meio Ambiente – Eco-92, como “recursos naturais”. Desta forma, portanto, a biodiversidade passa a estar em foco a partir do documento final da Eco-92, que reunia os principais países do mundo, não como possuindo importância intrínseca, mas como um recurso a ser explorado “adequadamente” pelos humanos.

A definição da biodiversidade como “recurso” coloca a floresta tropical de maior biodiversidade do planeta como foco para projetos que visam a geração de riquezas para o grande capital. Como ficam as populações humanas e não humanas da região ante um cenário de exploração de ouro, cobre, ferro, força hidrelétrica, água, terras e biodiversidade? Como é afetada a saúde das pessoas a partir da intervenção no meio ambiente ou da transformação radical nos ecossistemas por ações antrópicas, como tem ocorrido nos últimos anos?

O presente dossiê contou com a participação de pesquisadores que apresentam reflexões importantes, resultantes de pesquisas, possibilitando pensar os impactos da exploração econômica sobre a biodiversidade e os impactos na qualidade de vida, incluindo a saúde na Amazônia. Com este novo número da revista *Educamazônia*, os organizadores pretendem contribuir para o diálogo interdisciplinar problematizador, no sentido de trazer, como consequência, impactos sobre a educação na e sobre a região amazônica.

Busca-se, portanto, neste dossiê, pensar além dos (pre)conceitos que muitas vezes escondem a busca de explorar as riquezas para propiciar geração de capitais em outros lugares e que não são pensados para e muito menos a partir das populações humanas e da biodiversidade da região amazônica.

Referências

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a História da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONDIM, Neide. *A invenção de Amazônia*. Manaus: Valer, 2007.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. São Paulo, Editora 34, 1994.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. A questão étnica: índios, brancos, negros e caboclos. In: *Estudos e problemas amazônicos: História Social e Econômica e temas especiais*. Belém: IDESP, 1989. p. 195-203.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.